



## **Conexões entre mulheres e agroflorestas: diálogos de saberes para o cuidado e a cura dos corpos-territórios**

Joselaine Raquel da Silva Pereira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este ensaio apresenta a conexão entre as mulheres e a Mãe Terra, que inúmeras vezes se perde por conta do sistema capitalista, patriarcal e individualista em que vivemos hoje, que percebe a terra apenas como propriedade e a explora a fim de obter cada vez mais lucro, sem se importar com as consequências para a natureza e para as futuras gerações. Meu objetivo é demonstrar como essas conexões com a terra são reencontradas quando as mulheres descobrem a agrofloresta e as cosmovisões e cosmopráticas anti-patriarcais e anti-capitalistas de amor e respeito a todos os seres humanos e não humanos e o acompanhamento dos ciclos naturais, e esse encontro carrega uma potência de transformar as relações dessas mulheres gerando micro e macro revoluções na sociedade, e proporcionando a cura aos corpos-territórios dessas mulheres. Através de uma breve análise bibliográfica feminina e da análise de algumas falas e entrevistas disponibilizadas virtualmente observo como as próprias mulheres agroflorestoras vivenciam e experienciam essas conexões, como elas têm vivido mudanças profundas em suas vidas cotidianas e têm impulsionado transformações sociais.

Palavras-chave: Agroflorestas; Cura dos corpos-territórios; Mãe Terra; Mulheres agroflorestoras.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos (PPGIELA) pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e Bacharel em Antropologia - Diversidade cultural latino-americana pela mesma universidade.

## INTRODUÇÃO

As problemáticas atuais relacionadas com o uso e a posse da terra são diversas, algumas das principais são a dominação de seus ciclos e sua fertilidade, a exploração dos bens naturais, das trabalhadoras e dos trabalhadores, através do manejo de monoculturas, uso intensivo de tecnologias no campo desaloçando o campesinato e os (as) trabalhadores (as) rurais, utilização de agrotóxicos que causam enormes prejuízos à saúde humana e ao equilíbrio da natureza, e sementes geneticamente modificadas não testadas cientificamente. Além disso há o contratempo da concentração de terras nas mãos de poucos, uma sequela deixada na história do Brasil e de diversos países de Abya Yala desde a colonização, que reforça a urgência de uma reforma agrária. O caos gerado pela distribuição de terras acaba por despojar os povos tradicionais de seus territórios ancestrais, prejudicando não só sua produção econômica, mas também a manutenção e reprodução de seus modos de vida, por conta disso surgiram diversos movimentos sociais como o Movimento dos (as) trabalhadores (as) Rurais Sem Terra (MST), a Via Campesina, o Movimento de mulheres camponesas (MMC), etc.

Como estratégia contrária à exploração do agronegócio e suas facetas capitalistas também obteve destaque uma forma de manejo do ambiente rural denominado Sistemas agroflorestais (SAFs), o termo foi usado pela primeira vez por Ernst Gotsch, suíço nascido em 1948 na cidade de Raperswilen, quem chegou ao Brasil no ano de 1982 e a partir daí começou a desenvolver o que chamou de Sistemas agroflorestais sucessionais (hoje em dia também conhecido como Agricultura sintrópica), já que defendia a prática de consórcios entre diversas plantas para melhor desenvolvimento da mata nativa e recuperação dos solos degradados, argumentando que o ser humano deve ajudar a manter o fluxo da vida natural nas florestas, em vez de destruir ou manipular as plantas à seu bel prazer. Vale destacar que a inovação de Ernst Gotsch foi referente à aplicação técnica das sucessões ecológicas e a criação de dito conceito,

porém a replicação dos processos naturais já era realizada pelos povos originários e camponeses ancestralmente.

Os Sistemas Agroflorestais (SAFs) configuram uma técnica de manejo agrícola que consiste em replicar as relações ocorrentes no ecossistema nativo, de acordo com as condições climáticas e com as espécies endêmicas de cada bioma, a fim de respeitar a natureza ao mesmo tempo em que se produz alimentos orgânicos e de qualidade, atuando com base em princípios ecológicos que trazem certa espiritualidade, entendendo o ser humano como estando conectado à natureza, respeitando a terra, os seres humanos e os outros seres vivos e contribuindo para a recuperação ambiental em áreas degradadas, através da simbiose entre plantas e animais nativos.

As mulheres do campo acabam sendo ainda mais desfavorecidas dentro da lógica do capital por fatores como a má distribuição de terras entre os gêneros no Brasil, o desequilíbrio na divisão sexual das tarefas domésticas dentro do lar, a dupla ou tripla jornada de trabalho que elas enfrentam, entre outros fatores. Dessa forma, proponho uma abordagem à identidade das mulheres agroflorestoras e suas conexões com a terra como uma potência transformadora das mulheres e de suas realidades, pois como veremos em algumas entrevistas a seguir, realizadas com mulheres pertencentes à Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras (RAMA), o contato com os SAFs muda definitivamente a vida, as cosmovisões e cosmopráticas dessas mulheres, além de também produzir transformações no cuidado da terra, já que elas passam a ver o solo e o território como organismos vivos, extensão de seus corpos que estão a todo momento intercambiando processos de cuidado e de cura, e assim as mulheres curam a terra e a terra cura as mulheres, então cria-se uma relação de corpo-território<sup>2</sup>.

A Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras (RAMA) é uma articulação pensada para o intercâmbio de saberes entre mulheres que praticam ou querem praticar agrofloresta, a rede foi criada em 2019 e já realizou alguns encontros presenciais em diversos estados do Brasil, mas com a pandemia de covid-19 passou a realizar encontros virtuais periódicos, tanto no formato de reuniões online quanto de lives. O movimento conta atualmente com mais de 500 mulheres vinculadas, em diversos países da América Latina e da Europa, que trocam dicas e

---

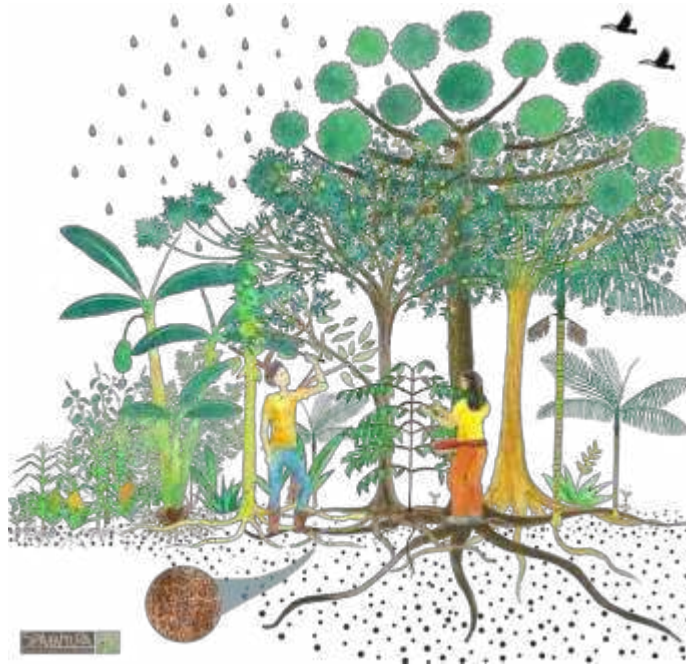
<sup>2</sup> Categoria criada pelas mulheres do Feminismo Comunitário na Guatemala.

experiências sobre o que é ser mulher agrofloreitora, incluindo questões de gênero às temáticas agrícolas.

Esse coletivo de mulheres se divide em alguns GTs (grupos de trabalhos), como o GT Encontros, GT Sementes, GT Identidade/Mapeamento e GT Comunicação, que atuam então com a realização de mutirões para a implementação e a manutenção de SAFs em diversos territórios, de cursos e oficinas práticas sobre os mais variados ramos de conhecimentos relacionados às agroflorestas, realização de Cirandas de sementes - onde as participantes intercambiam sementes entre si, presencialmente ou pelo correio -, e ultimamente tem estado muito presente nas redes sociais e no diálogo de saberes através de lives sobre inúmeras temáticas, que incluem desde soberania alimentar, homeopatia, armazenamento de sementes, apicultura e inúmeros outros.

Este ensaio busca então demonstrar que o contato entre as mulheres e os SAFs pode modificar também as relações sociais e gerar revoluções a níveis micro e macro, pois os ideais da agrofloreita em si propõem cosmovisões e cosmopráticas distintas às ocidentais, principalmente o respeito entre todos os seres vivos, o acompanhamento dos ciclos naturais, a interdependência e a conexão entre os seres, entre outros, sendo explicitamente anti-patriarcal, anti-capitalista, e contra todo tipo de violência e dominação. Para isso, trago algumas entrevistas e diálogos de lives de mulheres agrofloreitoras pertencentes à RAMA, com a intenção de analisar seus discursos e suas práticas em torno da conexão que elas possuem com a terra e com a natureza em geral. Assim, este trabalho se justifica pela necessidade urgente de transformação dos paradigmas positivistas, capitalistas e hierárquicos da nossa sociedade, e cultiva a ideia de que a conexão entre as mulheres e as agroflorestas carrega essa potência por conta da identificação entre ambas e pela posição de desconforto ocupada pelas mulheres dentro do sistema atual.

Imagem 1: Sistema agroflorestal



Fonte: Cargo Collective, 2021.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1. FEMINISMO E ECOLOGIA.

A antropóloga feminista Yayo Herrero (2016) afirma haver uma necessidade de diálogo entre a economia feminista e a economia ecológica, já que uma vida em harmonia com a natureza deve necessariamente incluir o respeito às mulheres, e este último deve vir acompanhado do respeito à Mãe Terra, ela sublinha que os seres humanos pensam ser independentes e ignoram os limites físicos naturais.

El "régimen del capital" ignora la existencia de límites físicos en el planeta, y oculta y explota los tiempos necesarios para la reproducción social cotidiana que, en los contextos patriarcales, son asignados mayoritariamente a las mujeres. Crece a costa de la destrucción de lo que precisamente necesitamos para sostenernos en el tiempo

y se basa en una creencia tan ilusa como peligrosa: la de que los individuos somos completamente autónomos e independientes respecto a la naturaleza y al resto de personas. (HERRERO, Yayo. 2016)<sup>3</sup>

A analogia que compara as mulheres à terra tem se tornado conhecida ultimamente, e uma das principais autoras que a menciona é Vandana Shiva, relacionando a violência e a dominação da terra e das mulheres ao desenvolvimento capitalista: “*Esta violencia contra la naturaleza y la mujer forma parte del modo en que se percibe a ambas, y constituye la base del actual paradigma de desarrollo*” (SHIVA, Vandana. 1991. apud BOSCH, Anna; CARRASCO, Cristina; GRAU, Elena. 2003, p. 20).<sup>4</sup>

Isabela Noronha (2018) potencializa essa relação afirmando que o trabalho reprodutivo é um laço que une as mulheres à terra:

Teorias feministas sugerem uma potência na relação das mulheres com a terra – é pela terra que elas lutam e é nela que produzem o sustento da vida – de fortalecer uma identidade coletiva que denuncia as ameaças do modelo de sociedade hegemônico para a vida. A experiência socialmente atribuída às mulheres de desenvolver atividades de cuidados e trabalho reprodutivos confere uma consciência da materialidade dos corpos e ao mesmo tempo dos recursos, do que decorre uma consciência de suas limitações. A potência da relação das mulheres com a terra é o fortalecimento de uma identidade de luta e resistência que denuncia que a emancipação das mulheres depende também da superação uma teia de de comportamentos que respaldam a exploração dos âmbitos cruciais para a sustentação da vida: a natureza e o trabalho reprodutivo (NORONHA, Isabela. 2018).

Algumas mulheres agroflorestoras também destacam a importância da relação entre a terra e as mulheres e evidenciam a necessidade dos seres humanos se sentirem parte da natureza, sendo esse um dos principais sentidos da agrofloresta:

O poder da agrofloresta é a oportunidade da gente realizar o nosso papel no mundo né, a gente dialoga com as plantas, quando a gente vai podar uma planta a gente se abre para ouvir as informações que ela nos mostra né, e a natureza mostra pra a gente essa cooperação, e a gente também tem que trazer isso pra nossa realidade humana né, na nossa sociedade, a cooperação e essa integração entre o ser humano e a

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: O “regime do capital” ignora a existência de limites físicos no planeta, e oculta e explora os tempos necessários para a reprodução social cotidiana que, nos contextos patriarcais, são assignados majoritariamente às mulheres. Cresce às custas da destruição do que precisamente necessitamos para sustentarmos no tempo e se baseia numa crença tão ilusória como perigosa: a de que os indivíduos são completamente autônomos e independentes em respeito à natureza e ao resto das pessoas.

<sup>4</sup> Tradução nossa: Esta violência contra a natureza e contra a mulher forma parte do modo em que se percebe a ambas, e constitui a base do atual paradigma do desenvolvimento.

natureza, que é a nossa casa, que é a nossa mãe. Então, assim, pra mim é muito reconfortante poder tá no dia a dia nessa lida, transformando esse ambiente e podendo dizer né, a gente pode deixar um saldo positivo da nossa passagem pelo planeta, ninguém veio aqui só a passeio sabe, meu, é tão rico tudo isso, sabe, o que que a gente pode fazer algo de bom, algo de bem né, deixar esse lugar melhor do que ele estava quando a gente chegou. Então eu acho isso muito bacana, e acho que todo mundo né, pode colaborar nesse aspecto. (PENEIREIRO, Fabiana, 2020) <sup>5</sup>

A gente se encontra pertencente a algo maior, então essa perspectiva, primeiro da gente se sentir realmente, descer do pedestal do antropocentrismo e ser um ser tão importante quando todos os outros, e isso já é uma perspectiva de ser, uma postura de ser humano no planeta, maravilhosa, né. O gafanhoto, a formiga né, todo mundo é igualmente importante a mim, então isso já é uma perspectiva assim, que me encanta demais, e aí você ser convidada a participar da sinfonia né, da condução do ambiente, então essa participação é: Puxa, eu sou convidada a participar humildemente. (AMADOR, Denise, 2020) <sup>6</sup>

## 1.2. VIOLÊNCIAS AOS CORPOS-TERRITÓRIOS.

Claudia Korol também afirma que apesar das mulheres desempenharem papéis fundamentais na manutenção das tradições rurais e na reprodução da vida no campo, elas são as que mais estão expostas às violências aos seus corpos-territórios:

Las mujeres rurales constituyen el pilar de la agricultura de pequeña escala, producen riqueza económica y sostienen la pequeña economía de sus familias y comunidades; a pesar de ello, enfrentan el despojo de sus territorios por parte de las industrias extractivas del petróleo, el oro y otros minerales. Esto se suma a la ya tradicional situación de discriminación, como limitaciones para el acceso a la tierra, sometimiento a sobreexplotación y exceso de trabajo; exposición a agrotóxicos y daño a su salud, incluida la sexual y la reproductiva, que en algunos casos han producido abortos espontáneos. El papel central de las mujeres en mantener la cadena productiva alimentaria, de conservar las semillas, la biodiversidad y el cuidado del medioambiente no es reconocido social ni económicamente; se les criminaliza y violenta cuando defienden sus territorios y su modo de vida comunitaria ante el despojo y expropiación de sus recursos naturales, llegando a negar su derecho a la autonomía económica y a la autonomía sexual y reproductiva sobre sus cuerpos. (KOROL, Claudia. 2016) <sup>7</sup>

<sup>5</sup> Transcrição nossa: Original Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pcy-cuNxXoU&ab\\_channel=Agrosintropia](https://www.youtube.com/watch?v=pcy-cuNxXoU&ab_channel=Agrosintropia)>

<sup>6</sup> Transcrição nossa: Original disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=TLW\\_odEPNeU&ab\\_channel=Agrosintropia](https://www.youtube.com/watch?v=TLW_odEPNeU&ab_channel=Agrosintropia)>

<sup>7</sup> Tradução nossa: As mulheres rurais constituem o pilar da agricultura de pequena escala, produzem riqueza econômica e sustentam a pequena economia de suas famílias e comunidades; apesar disso, enfrentam o desalojamento de seus territórios por parte das indústrias extrativistas do petróleo, do ouro e outros minerais. Isto se soma à já tradicional situação de discriminação, como limitações para o acesso à terra, submetimento à superexploração e excesso de trabalho; exposição a agrotóxicos e danos a sua saúde, inclusive a sexual e a

Os papéis femininos acabam sendo invisibilizados apesar de fundamentais, assim como a fertilidade e a vitalidade da terra são questionadas, produzindo e reproduzindo violências aos corpos-territórios, especialmente ao separar os corpos dos territórios, levando-se em conta as interseccionalidades de distintas identidades de mulheres, sejam indígenas, quilombolas, ribeirinhas, camponesas, negras, brancas, etc, e também a classe social e distintos processos aos quais a mulher esteve submetida durante sua vida, como migrações, despejos, entre outros, mas também consistem em violências a dominação de seus corpos e territórios por outros sujeitos, principalmente homens, que provocam a alienação dos nossos sentipensares<sup>8</sup>.

No entanto, a agrofloresta leva de volta o despertar dos sentidos e dos pensamentos críticos às mulheres que a contatam, levando-as a uma busca por formas de resistências através das cosmovisões e especialmente das cosmopráticas, já que esta última é a que vai tocar as outras mulheres/pessoas e cultivar os sentimentos de respeito, harmonia, equilíbrio e cuidado entre os seres, além do sentimento de urgência por mudanças nas estruturas da nossa sociedade, incentivando pequenas e grandes revoluções tendo as florestas e a natureza como um todo como mestra.

Noni Bazarian (2020), também mulher agroflorestora relata justamente essa cosmovisão que trata a agrofloresta com espiritualidade para proporcionar a cura para os seres humanos e para a terra:

Mais recentemente na minha vida pessoal, principalmente nesses últimos 2 anos, eu experienciei agora uma... um significado até mais profundo da agrofloresta na minha vida, que é como se eu tivesse alinhando cada vez mais a minha busca espiritual dentro dessa prática. Eu pude aprender muitas coisas das questões que afligem o ser humano trabalhando nessa prática tão maravilhosa que é essa interação bem íntima com a natureza. (BAZARIAN, Noni. 2020)<sup>9</sup>

### 1.3. COSMOPRÁTICAS DE RESISTÊNCIA.

---

reprodutiva, que em alguns casos produziram abortos espontâneos. O papel central das mulheres em manter a cadeia produtiva alimentar, de conservar as sementes, a biodiversidade e o cuidado do meio ambiente não é reconhecido social nem economicamente; as criminalizam e violentam quando defendem seus territórios e seu modo de vida comunitária ante a desapropriação e expropriação de seus recursos naturais, chegando a negar seu direito à autonomia econômica e à autonomia sexual e reprodutiva sobre seus corpos.

<sup>8</sup> Plural do conceito de Lélia Gonzalez de “sentipensar”.

<sup>9</sup> Transcrição nossa: Original disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab\\_channel=EnRamaVirtual2020](https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab_channel=EnRamaVirtual2020)



Imagem 2: Mulheres agroflorestando



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.<sup>10</sup>

Fabiana Peneireiro (2020) destaca algumas práticas de resistência contra a alienação dos nossos corpos-territórios, como consciência de seus hábitos de consumos alimentares, o fortalecimento da agricultura urbana como hortas e quintais produtivos, e também os CSA (Comunidade que sustenta a agricultura), que são relações de troca entre os(as) produtores(as) e os(as) apoiadores(as), que apoiam financeiramente a produção agroflorestral e recebem cestas de alimentos de ótima qualidade.

Noni Bazarian (2020) traz em suas falas uma forma de cura muito ampla baseada na agrofloresta, uma cura física, mental e espiritual que fica evidente nos seguintes fragmentos: “Não tem medo, não tem solidão, não tem morte porque sempre vai ter o renascimento” e “O ato de plantar é se ajoelhar para nossa Mãe Terra”. Ela também defende o uso da medicina das

---

<sup>10</sup>Essa imagem foi fotografada por mim da Mandala Lunar 2021, pg. 263: autoria de Julia Vargas. Ilustra a data da 10ª lua nova do ano, a época propícia para plantar e semear, tanto literalmente quanto figurativamente (iniciar novos projetos).

plantas de forma integral, já que segundo ela essas plantas curam a Mãe Terra e nós nos beneficiamos desse poder.

Elas [as plantas medicinais] são os seres mais completos dessa Terra, porque além de ser planta, né, que é esse ser de pura devoção e pura doação, que nos ensine o que que é transformar o grande sol em puro alimento, elas têm tanta adaptação com o meio que elas vivem, né? Porque o que que é essa medicina das plantas? É justamente essa adaptação, essa coevolução de pura evolução de onde elas estão, e muitas vezes em lugares muito hostis. Então, é proteção contra herbívoros, proteção contra falta d'água, contra insolação, elas são a pura resistência. (BAZARIAN, Noni. 2020) <sup>11</sup>

No mesmo sentido Nina (2020) reafirma a importância da conexão espiritual com as plantas:

A gente se conectar com cada planta no sistema, isso traz um enorme poder de cura porque cada uma tem uma energia, então essa conexão espiritual né, que a gente consegue ter manejando a planta, colhendo, plantando, todos esses processos, se conectando a ela de alguma forma. Isso eu acho que é um grande alimento pra nossa alma e um grande caminho de cura mesmo né, essa conexão espiritual com as plantas. (NINA, 2020) <sup>12</sup>

Denise Amador (2020) propõe o usufruto da agrofloresta para o cuidado da alimentação, da saúde, para a educação e para reforçar a união das pessoas, resgatando um “sentimento de tribo”, sendo estas justamente as diretrizes para gerar mudanças sociais desde o interior humano até o exterior. Ela também reforça a importância da metodologia de mutirão para o trabalho coletivo nas agroflorestas, especialmente para o apoio entre as mulheres agroflorestoras. Tanto Denise quanto Fabiana, Noni e Nina são membras da Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras (RAMA), apoio fundamental que gera encontros presenciais e virtuais, que se tornam ambientes onde começam a gestar-se mudanças sociais, de maneira que através de rodas de conversas sobre o tema da terra e do manejo agroflorestral, se relacionam outras temáticas comuns às mulheres, aliando a teoria à prática, e as cosmovisões às cosmopráticas.

---

11 Transcrição nossa: Original disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab\\_channel=EnRamaVirtual2020](https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab_channel=EnRamaVirtual2020)

12 Transcrição nossa: Original disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab\\_channel=EnRamaVirtual2020](https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&ab_channel=EnRamaVirtual2020)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente ao longo deste ensaio a conexão entre as mulheres e as agroflorestas, desde o ponto de vista físico até o espiritual, através do feminismo e da ecologia, trazendo os princípios fundamentais da agrofloresta de soberania e cura dos corpos-territórios das mulheres, proporcionando desde corpos e territórios sãos/saudáveis mudanças nas cosmovisões e cosmopráticas da sociedade em geral, de um modelo de produção capitalista e individualista para modelos agroecológicos que integram o desenvolvimento natural das plantas e os ciclos da natureza às necessidades humanas.

Dessa maneira a agrofloresta e especificamente a Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras (RAMA), permite além da cura para a Mãe Terra e suas filhas e filhos, uma soberania econômica através da comercialização ou troca de víveres como frutas, verduras, legumes, plantas medicinais, óleos essenciais, cosméticos e diversos outros produtos gerados na natureza que ajudam a nutrir o corpo humano, permitindo também uma soberania alimentar, já que a agrofloresta produz alimentos orgânicos e agroecológicos e de excelente qualidade e variedade, diferentemente do agronegócio monocultor e agrocida e dos alimentos hiperindustrializados que produzirão apenas necessidades farmacêuticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGROFLORESTA - Vê quem planta - Com Denise Amador (Potô) da Fazenda São Luiz. **Agrosintropia**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=TLW\\_odEPNeU&ab\\_channel=Agrosintropia](https://www.youtube.com/watch?v=TLW_odEPNeU&ab_channel=Agrosintropia)> Acesso em: 15 de mar. de 2021.

AGROFLORESTA - Vê quem planta - Com Fabiana Peneireiro. **Agrosintropia**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pcy-cuNxXoU&ab\\_channel=Agrosintropia](https://www.youtube.com/watch?v=pcy-cuNxXoU&ab_channel=Agrosintropia)> Acesso em: 17 de mar. de 2021.

AGROFLORESTAS - Patrícia Yamamoto. **Cargo Collective**. Disponível em: <<http://cargocollective.com/patriciayamamoto/agroflorestas>> Acesso em: 23 de mar. de 2021.

BOSCH, Anna, Cristina Carrasco y Elena Grau. Verde que te quiero violeta. Encuentros y desencuentros entre feminismo y ecología. Disponível em: <<https://www.mundubat.org/proyecto/verde-que-te-quiero-violeta-encuentros-y-desencuentros-entre-feminismo-y-ecologismo/>> Acesso em: 18 de mar. de 2021.

ENRAMA Virtual. Agroflorestra como caminho da cura. **EnRama Virtual 2020**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&t=370s&ab\\_channel=EnRamaVirtual2020](https://www.youtube.com/watch?v=G03jtmIVmW0&t=370s&ab_channel=EnRamaVirtual2020)> Acesso em: 19 de mar. de 2021.

HERRERO, Yayo. **Economía feminista y economía ecológica, el diálogo necesario y urgente**. Revista de Economía Crítica, nº22, segundo semestre 2016. ISSN 2013-5254.

KOROL, Claudia. **Somos tierra, semilla, rebeldía**: mujeres, tierra y territorio en América Latina. Coedición de GRAIN, Acción por la Biodiversidad y América Libre. 2016.

**MANDALA Lunar 2021: um caminho de autoreconhecimento feminino** / Organização de Ieve Holthausen e Naíla Andrade. - Porto Alegre: Mandala Lunar, 2021.

NORONHA, Isabela. **Entre o solo e a terra**: mulheres inseridas em experiências de agroecologia no MST. Limeira, SP. 2018.